

O Deslizar do(s) Passado(s) no Presente: Notas para Uma História do Tempo Presente

Jorge Luiz Zaluski^I

Resenha recebida em 14/07/2020 e aprovada em 10/11/2020.

A História do Tempo Presente (HTP) se desenvolveu como emergência teórica metodológica para responder as inquietações do presente. O historiador Christian Delacroix, ao refletir se “A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?”^{II}, aponta que a HTP é privilegiada por ter autonomia na escolha de suas fontes e por possuir múltiplas temporalidades, mas, como indica o autor “exige incessante vaivém cognitivo entre passado e presente”^{III}.

É nessa perspectiva que o livro, “*Tempo Presente: uma história em debate*” busca contribuir para os estudos da HTP. A obra foi organizada por Antônio Manoel Elíbio Júnior, professor adjunto II do Departamento de Ciências Sociais e professor do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba, e, por Karl Schurster, professor Livre Docente da Universidade de Pernambuco, permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e coordenador do Mestrado Profissional em Ensino de História, na mesma instituição. Possui doze textos que levanta provocações para refletir sobre as possíveis intersecções temporais entre passado e presente.

No primeiro capítulo, Antônio Manoel Elíbio Júnior e Rosenilson da Silva Santos, em, “*O nascimento de um novo campo de pesquisa: a História do Tempo Presente*”, problematizam o desenvolvimento e a afirmação da História do Tempo Presente (HTP) como campo de estudo. Com a provocação em apresentar uma genealogia, traçam um percurso que explora diferentes perspectivas historiográficas desenvolvidas na Europa, sobretudo na França e Alemanha, e no Brasil, que contribuíram para o desenvolvimento dos aportes teórico metodológicos que são próprios da HTP. Nesse percurso, a inquietação diante dos acontecimentos do passado que insistem no presente, foram comuns para aproximar o/a historiador/a de fontes tão diversas, e muitas vezes, mais acessíveis ao fazer historiográfico e contribuem para a constituição de um novo vetor de investigação.

Na mesma perspectiva, Rafael Araujo, no segundo capítulo, “*A História do Tempo Presente na América Latina e no Brasil: recortes cronológicos e possíveis periodizações*”, busca estabelecer uma cronologia da HTP com comparações dos estudos desenvolvidos na Europa e na América Latina. Ciente da dificuldade (ou impossibilidade) de marcar eventos passados em definições cronológicas, o autor levanta reflexões sobre processos que contribuíram para o desenvolvimento da HTP na Europa e países latino-americanos. Para Araujo, as inquietações de March Bloc e Lucien Febre, já levantadas no início do século XX, sobre a preocupação em abordar a história recente, a memória dos horrores da 2ª Guerra Mundial, e das reivindicações de movimentos sociais na década de 1960, foram primordiais para a HTP. Segundo o autor, mesmo distantes, interferiram na percepção sobre o passado e o(n) presente na produção historiográfica. Como uma reivindicação histórica, “o campo se desenvolveu

O DESLIZAR DO(S) PASSADO(S) NO PRESENTE: NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

JORGE LUIZ ZALUSKI

sobre a névoa de traumas coletivos que não poderiam ser simplesmente apagados ou esquecidos”^{IV}. Entretanto, tendo a HTP suas fronteiras temporais maleáveis, o autor discorda que, na América Latina, a HTP tenha se desenvolvido estreitamente à experiência dos eventos traumáticos das ditaduras no Cone Sul. Não, descarta as contribuições das investigações que partem desse recorte, mas, ao partir de abordagens da cultura política, Araujo enfatiza a necessidade de olharmos as revoluções boliviana e cubana e o protagonismo alcançado pelos governos nacionais-estadistas, na década de 1950, como acontecimentos que ainda provocam sentido no presente.

No terceiro capítulo, “*História da Historiografia do Tempo Presente: questões e debates*”, Karl Schurster e Alana de Moraes Leite, trazem provocações que são recorrentes no campo de estudos da HTP, entre elas a periodização e o afastamento do/a pesquisador/a. Como aponta os/as autores/as, a HTP provocou uma desestabilização no ofício do/a historiador. A naturalização do que estava posto, de uma possível dominação da história traçada pela linearidade de início, consequências e o fim, da percepção de que o passado está encerrado, foi colocada em xeque. Junto as noções conceituais de autores europeus como Henry Rousso e François Dosse, e da brasileira, Marieta de Moraes Ferreira, endossam as discussões que compreendem a história em movimento, e o/a historiador/a está imerso a ela. Conforme os autores, a HTP foi desenvolvida a partir da inquietação de eventos traumáticos e de suas implicações no presente. Diante da necessidade de encarar a história que está acontecendo, cabe ao/a historiador o exercício de compreender os acontecimentos e da intersecção entre passado e presente em vista de uma responsabilidade social.

Igor Lapsky, em, “*Reflexões sobre o ensino de história e a formação do profissional no tempo presente*”, quarto capítulo da obra, problematiza a formação de professores de história e a prática docente sob distintos problemas que entrecruzam a formação e a sala de aula, universitária e escolar, e muitas vezes contribuem para a desistência em seguir a docência. A hierarquia construída em torno das engenharias comparadas às licenciaturas possui um longo percurso. Entretanto, o autor não esgota o assunto a essa questão e tece outras reflexões que atingem a formação acadêmica nos cursos de história e das dificuldades em lecionar no tempo presente, principalmente pela necessidade de desenvolver o debate científico de forma crítica. Segundo o autor, o projeto de lei “Escola sem Partido”, e das discussões sobre a suposta “ideologia de gênero” em salas de aula, que, aliadas ao uso de mídias digitais a seu favor, dificultaram a docência em sala. Nesse cenário, Lapsky, levanta a importância da formação docente conciliar teoria, prática e utilizar de diferentes plataformas digitais a favor do ensino de história, como uma forma de reinventar-se enquanto profissionais no tempo presente.

“*Violência, trauma e testemunho: desafios para uma historiografia latino-americana*”, de Maria Paula Nascimento Araújo, é o quinto capítulo da obra, que, sem esconder a difícil tarefa em investigar sobre as memórias traumáticas, a autora explora a consolidação da HTP na América Latina, por meio do uso de fontes orais, com especial atenção às narrativas sobre as violações de direitos cometidas durante regimes ditatoriais. Para Araújo, a história do tempo presente latino-americana foi constituída por meio da inquietação sobre as experiências traumáticas, de dor e violência. Ao explorar a constituição das “Comissões da Verdade” em diferentes países latino-americanos, a autora enfatiza distintas experiências que ora se entrecruzam por possuírem traços comuns. No primeiro caso, ao analisar as memória registradas sobre

O DESLIZAR DO(S) PASSADO(S) NO PRESENTE: NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

JORGE LUIZ ZALUSKI

sobre as violências contras às populações indígenas na Guatemala, Bolívia e Peru, mesmo diante da singularidade de cada país, se aproximam por possuírem uma identidade coletiva, que feriu toda a população indígena. No caso peruano, o racismo e preconceito contra indígenas transcenderam o autoritarismo, e permanecem ativos. Ao apontar que o racismo também é um elemento intrínseco na sociedade brasileira, Araújo faz uma breve análise sobre parte do projeto “Vozes de Antígona”, que coordena junto ao Núcleo de História Oral, no Laboratório de Estudos do Tempo Presente na UFRJ. Com uma analogia a tragédia de Antígona, a autora explora as memórias de mães que foram atingidas ou tiveram seus filhos/as alvo da violência de Estado no Rio de Janeiro no pós-democratização. Diante da percepção de que o/a historiador do (e no) tempo presente assume o papel de denúncia das violências, Araújo destaca que além da pesquisa, para as mães entrevistadas, narrar as experiências traumáticas contribuem para um processo de estratégias de resistência para transformar a dor em ação política.

No sexto capítulo, “*A história do tempo presente e outros campos da história*”, Mariana Joffily e Viviane Borges, sem a intenção de traçar um percurso da história do tempo presente, exploram as intersecções da HTP com outros “domínios da história”: história política, história cultural, história social e história pública. Conforme as autoras, as reconfigurações desses campos ao longo do tempo e as convergências com a HTP, estão interligadas no papel da prática política do/a historiador/a, que assumiu entre suas preocupações com “os usos políticos do passado, os traumas, a coexistência dos protagonistas, o debate público, as demandas sociais e as disputas políticas de memória”.^V Essa pretensão apresenta uma característica própria, que só foi possível pela HTP romper com a rigidez em delimitar campos e fronteiras temporais.

Na sequência, “*Geografias historiográficas: o tempo presente visto do sul em uma revista brasileira*”, sétimo capítulo, escrito por Reinaldo Lindolfo Lohn e Sílvia Maria Fávero Arend, a partir do entendimento que a HTP proporciona rupturas com “cartografias historiográficas” que limitavam (ou limitam) o campo, trazem provocações para o fazer historiográfico no e para o tempo presente. Um incômodo teórico e metodológico que os autores buscam apresentar como a escrita da história do tempo presente rompe com fronteiras historiográficas e ao mesmo tempo busca responder “perguntas fortes” que incomodam o presente. Para isso, com o intuito de explorarem as produções acadêmicas do Brasil, investigam as publicações da Revista Tempo & Argumento, a fim de compreenderem quais são as inquietações do presente, e de como elas estão entrelaçadas a diferentes espaços de tempo do passado. Nesse exercício, Lohn e Arend permitem identificar a especificidade da HTP brasileira diferente da descrita por outros países.

O oitavo capítulo, “*Patrimônio cultural e história do tempo presente*”, Jaqueline Aparecida Martins Zarbato, faz um expressivo exercício de reflexão que permite compreender parte da trajetória da percepção sobre a cultura patrimonial e o tempo presente. De “pedra e cal” idealizadas como meras construções do passado, a amplitude conceitual sobre patrimônios históricos e a integração da cultura imaterial, contribuiu para a expansão da percepção sobre as relações do presente para com o passado, a memória e a cultura, contribuem para o reconhecimento de traços comuns a partir do patrimônio cultural. Nesse sentido, como uma categoria analítica, a autora explora a necessidade de construir relações de aprendizagem a partir do patrimônio cultural, uma

O DESLIZAR DO(S) PASSADO(S) NO PRESENTE: NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

JORGE LUIZ ZALUSKI

educação patrimonial que auxilia a entender o passado e o presente e as possíveis relações com o futuro.

No nono capítulo, em “*O Antropoceno e outras novas periodizações para uma História Ambiental do tempo Presente*”, Jô Klanovicz, ao partir da observação de que a história ambiental e a HTP possuem aproximações pelo papel da narrativa inquieta aos temas de suas análises, do rompimento de periodizações estanques e da aproximação com outros campos de saber, tal reflexão levou o autor a propor a História Ambiental do Tempo Presente como um campo analítico a fim de considerar as relações entre o(s) tempo(s) natural, os construídos pelos humanos e os uso do(s) tempo(s) como um desafio para a escrita da história. Nesse ensejo, o autor explora como a utilização do Antropoceno, como recorte analítico contribui para aproximar o debate histórico com outros campos, mas, ao mesmo tempo estabelece definições temporais. As provocações do autor buscam a desestabilização da narrativa e a necessidade em romper com a dicotomia natureza e cultura na tentativa de auxiliar na percepção das intersecções temporais e conceituais por serem resultado de condições de possibilidade histórica, material e política.

O décimo capítulo, “*Gênero e feminismos na história do tempo presente: perspectivas de pesquisa coletiva*”, escrito por Cristina Scheibe Wolff, Soraia Carolina de Mello e Tamy Amorin da Silva, demonstra o esforço inesgotável dos estudos feminista e de gênero. Ao partirem de experiências proporcionadas por pesquisas desenvolvidas junto ao Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC, o LEGH, com especial atenção aos relacionados a participação de mulheres nas ditaduras no Cone Sul. As autoras lançam mão dos aportes teóricos da HTP, dos estudos de gênero e feministas, junto ao uso de diferentes tipos de fontes, apresentam parte dos resultados dos trabalhos desenvolvidos no laboratório, sinalizam a incursão das pesquisas na historiografia e demonstram as corroborações desses trabalhos fora da acadêmica. Para as autoras, nesse cruzamento, saber mais sobre o passado de luta das mulheres serve para alimentar as esperanças no tempo presente.

Giselda Brito Silva, em “*Por uma História das práticas culturais universitária e o fazer historiográfico: relendo e recontextualizando Michel de Certeau*”, décimo primeiro capítulo da obra, a autora busca estabelecer uma comparação entre o ensino de história nas universidades no tempo presente com os apontamentos de Certeau nas décadas de 1970-80. Livre de anacronismos, a historiadora interroga sobre a democratização do ensino em nível superior e de como as universidades devem acompanhar esse movimento não apenas endereçado à inclusão de novos grupos sociais, mas de que, diante de uma pluralidade cultural, o ensino superior, com destaque ao curso de história, esteja inserido em um processo que atribuía significado à formação docente, à produção historiográfica à realidade dos/as discentes e a ruptura com a hegemonia de uma erudição acadêmica. Para isso, conforme Silva, a democratização dos saberes precisa estar aberta para novas abordagem e metodologias.

O capítulo doze, último da obra, “*A América Latina no tempo presente em livros didáticos brasileiros e cubanos*”, escrito por Ana Luiza Araújo Porto e Dilton Cândido Santos Maynard, a partir da compreensão que os manuais escolares possuem uma escrita didática, e, do uso conceitual de América Latina, buscam analisar as narrativas presentes em livros didáticos do Brasil e em Cuba, utilizados nas escolas públicas em

O DESLIZAR DO(S) PASSADO(S) NO PRESENTE: NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

JORGE LUIZ ZALUSKI

2015, com ênfase no ensino de questões referentes às temáticas sobre os países latino-americanos. Conforme os autores foram recorrentes nas narrativas, a presença das especificidades de cada país e as experiências principalmente com as “revoluções” e a ascensão de governos de esquerda. Entretanto, como um estudo comparativo, nos manuais cubanos, a América Latina é constantemente associada às questões voltadas para o desenvolvimento, a aprendizagem histórica é apresentada como uma utilidade às questões do presente. No caso brasileiro, os manuais didáticos apresentaram distinções, principalmente no que se refere à integração do Brasil à América Latina, questão essa que distancia a formação da consciência histórica para refletir sobre o tempo presente.

Como um esforço em “agarrar o tempo que passa”, tal como aponta Henry Rousso, o historiador do tempo presente faz um exercício que exige “uma pausa na imagem para observar a passagem entre o presente e o passado, desacelerar o afastamento e o esquecimento que espreitam toda a experiência humana”^{VI} Os textos reunidos na obra resenhada expressam o incômodo com o passado que insiste em permanecer no presente. Diante dos mais variados objetos de estudo, o livro expressa os desafios do dever social do/a historiador/a com o presente e se insere como referencial para novos estudos no campo da HTP. Para novas aberturas de possíveis na tentativa de superar o passado.

^I Doutor em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina - PPGH-UDESC, professor colaborador departamento de história na Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, campus Santa Cruz. Este texto foi produzido com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina – FAPESC. E-mail: jorgezaluski@hotmail.com

^{II} DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres?

^{III} Idem, p. 73

^{IV} ARAÚJO, Rafael. A História do Tempo Presente na América Latina e no Brasil: recortes cronológicos e possíveis periodizações. In: ELIBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael (Org.). **Tempo presente: uma História em debate**. Recife/Rio de Janeiro: EDUPE/Autografia, 2019.

^V JOFFILY, Mariana; BORGES, Viviane. A história do tempo presente e outros campos da história. In: ELIBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael (Org.). **Tempo presente: uma História em debate**. Recife/Rio de Janeiro: EDUPE/Autografia, 2019.

^{VI} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Trad. Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

Referências

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres? DOI: 10.5965/2175180310232018005

ELIBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael (Org.). **Tempo presente: uma História em debate**. Recife/Rio de Janeiro: EDUPE/Autografia, 2019.

**O DESLIZAR DO(S) PASSADO(S) NO PRESENTE: NOTAS PARA UMA HISTÓRIA
DO TEMPO PRESENTE**

JORGE LUIZ ZALUSKI

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Trad. Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.